

PROFESSORES, ESCOLA E ORKUT: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DA CENA ESCOLAR EM SUAS COMUNIDADES DO ORKUT

Luciana Lobo Miranda (UFC)¹
Diego Mendonça Viana (UFC)²
Kateline Dias de Brito Fonseca (UFC)³
Luisa Maria Freire Miranda (UFC)⁴
Paula Brígido Rodrigues (UFC)⁵
Tiago Ramos Ferreira (UFC)⁶

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, a escola se constituiu como uma instituição disciplinar, ou seja, um *locus* de desdobramento de práticas que visam à *docilização* dos corpos e, sobretudo, ao aumento da probabilidade de ação de uns sobre a ação de outros (FOUCAULT, 1977, 1995).⁷ No entanto, atualmente, o ambiente escolar vem atravessando uma transformação de seus objetivos (sendo esses balizados pela lógica neoliberal da educação) e a “flexibilização” do poder disciplinar do professor, o que tem retirado deste o *status* de autoridade máxima em sala de aula.

O recurso da progressão continuada de alunos⁸, em muitos casos, é considerado como um grande dispositivo de desautorização disciplinar do professor, uma vez que este perde o poder de reprovação sobre o alunado no final do ano letivo, assim, tendo sua possibilidade de agir sobre a ação de seus alunos esvaída. Nesse sentido, é interessante analisar quais os dispositivos disciplinares presentes na escola contemporânea e qual é a real eficácia dos mesmos. O que nos leva às seguintes indagações: seria necessário restabelecer a figura do professor como gerenciador do poder disciplinar em seus moldes mais tradicionais? Ou, ao contrário, seria a

¹ Doutora em Psicologia pela PUC-RJ, Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) Endereço eletrônico: lobo.lu@uol.com.br.

² Graduando do 8º semestre em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsista de monitoria da UFC e membro do Núcleo de Psicologia Comunitária da UFC. Endereço eletrônico: diego_neil@yahoo.com.br.

³ Graduanda do 8º semestre em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço eletrônico: kateline_539@hotmail.com.

⁴ Graduanda do 8º semestre de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsista do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-SAÚDE) da UFC. Endereço eletrônico: luisa_mfm@hotmail.com.

⁵ Graduanda do 8º semestre em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsista de Iniciação Científica PIBIC – CNPq. Endereço eletrônico: paula_brigido@yahoo.com.br.

⁶ Graduando do 8º semestre em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsista de monitoria da UFC. Endereço eletrônico: tiagurf_@hotmail.com

⁷ O poder disciplinar desenvolve-se imprimindo nova modalidade de ação de poder onde a estratégia não é mais a repressão, mas a estimulação, o incentivo, produzindo sentimentos e condutas até então inexistentes, disseminando-se socialmente pelo corpo social. Foucault define a relação de poder como “um modo de ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação.” (1995, p. 243)

⁸ De acordo com Oliveira (2005) e Ravagnani (2005), a progressão continuada é uma política educacional proposta pela nova Lei de Diretrizes e Bases, LDB 9394/96. Os alunos da rede pública de ensino são aprovados para o ano seguinte ainda que não tenham aproveitamento suficiente, reprovando-se apenas ao final de cada ciclo de ensino – Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio.

“flexibilização” de tal poder o melhor caminho? Ou ainda, existiria outra possível alternativa no (e para o) contexto escolar?

Frente a todas estas questões, outro fator decisivo na alteração das relações professor-aluno que temos que considerar é a influência chave da mídia na construção da subjetividade contemporânea, pois, como afirmou Bergmann (2007, p. 01), a mídia “não apenas veicula, mas constrói discursos e produz significados”, estando, dessa forma, cada vez mais presente no cotidiano escolar.

Uma mídia que vem exercendo influência crescente na juventude brasileira é a Internet, com destaque para o Orkut. Este é uma rede social virtual de relacionamentos criada em 2004 “com o intuito de fazer com que os usuários do serviço estabelecessem novas ‘amizades’ e mantivessem relacionamentos” (GONDIM, 2007, p. 33), onde, cada usuário possui um “perfil” que possibilita aos demais membros do sítio conhecerem suas características pessoais ao acessar sua página; e em que existem comunidades relacionadas a temas diversos que funcionam como uma forma dos membros aproximarem-se daqueles de quem compartilham interesses comuns.

Estudos como os de Zuin (2008) e Bergmann (2007) balizados pelo advento de páginas do Orkut sobre as relações professor-aluno, nos advertem que este surge como representante da mídia no papel de publicizador das relações de poder adjacentes a esta diáde. Zuin (2006), por exemplo, afirma que, uma vez que os alunos não possuem “voz” em sala de aula, o Orkut acaba por caracterizar-se como um espaço livre de manifestação das impressões contidas em sala, mesmo que não haja a responsabilidade de alimentar problematizações e mobilizações acerca das discussões em pauta.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa que tem como objetivo compreender, através das comunidades do Orkut feitas por professores, como os mesmos se utilizam desse dispositivo para expressar suas idéias acerca do cotidiano escolar, uma vez que o Orkut inaugura novos espaços de apropriação para esses docentes.

2. EMBASAMENTO TEÓRICO

Ao pensarmos na constituição do sujeito no espaço da Escola, devemos retomar os ensinamentos de Foucault (1977, 1995) que tratam do poder disciplinar presente em instituições sociais. Este se exerceria através de práticas discursivas e não discursivas que garantiriam ao professor estar munido de um poder de ação verdadeiramente efetivo sobre as ações possíveis de seus alunos – seja pelos exames, pela reprovação, pela hierarquização e centralização do saber e do conhecimento.

No entanto, novos elementos da modernidade têm ensejado outro tipo de delineamento do cotidiano escolar encerrando o poder disciplinar, hoje, em sua condição mais debilitada, a exemplo da progressão continuada - anteriormente discutida - e do surgimento da Internet.

A Internet apresenta-se como sendo um dos grandes vetores de subjetivação da contemporaneidade, pois é assumindo um lugar, ainda que virtual, de produção de valores, costumes e linguagens e de redimensionamento das relações do sujeito com o tempo, o espaço e outros sujeitos. Ela não apenas se circunscreve como um lugar de obtenção de saberes múltiplos, mas também como um espaço de ruptura do privado, fazendo da vida um espetáculo.

É também muitas vezes por meio da Internet que o aluno obtém as informações e os conhecimentos de seu interesse, onde o professor acaba por perder o posto de centralizador do saber, favorecendo uma autonomia sobre a aquisição de conhecimento jamais vista antes. Como resultado, surge o questionamento do saber do professor, da

sua capacidade e de seu alcance no que concerne à transmissão cultural de seu saber de uma geração à outra.

Temos, então, o que chamamos de enfrentamento intergeracional e seus múltiplos desdobramentos. Enquanto a geração mais antiga, dos professores, no caso, ocupa-se em transmitir heranças culturais aos mais novos, os alunos, esses têm o papel de dar continuidade às tradições culturais passadas, mas sempre podendo optar pela recusa, quebrando a reciprocidade e começando um novo ciclo a partir da inovação e da ruptura com as tradições. (CASTRO, 2006).

Nesse sentido, nos é possível problematizar como as relações do cotidiano escolar vem se reconfigurando pelo uso das novas tecnologias, em especial, a Internet. De que forma sítios de relacionamento, como o Orkut, podem nos dar pistas sobre como esse enfrentamento intergeracional está se dando com os atores da sala de aula?

Ao analisarem registros escritos por alunos acerca de seus professores e suas escolas em sítios do Orkut, Bergmann e Zuin mostram ser recorrentes os conteúdos em que estão evidentes a agressividade e os sentimentos de frustração direcionados à pessoa do professor e à instituição escolar. Exemplos claros disto são encontrados até mesmo no título dado às comunidades do sítio: *“Eu já tive um professor F.D.P”*; *“Meu professor fala errado”*; *“Chega de aulas medíocres”*.

Enquanto Bergmann (2007) enfatiza os desdobramentos pedagógicos das comunidades do Orkut levando em conta a dificuldade que professores têm de lidar com a nova linguagem da Internet e com os efeitos da abertura desse novo espaço de diálogo - ou monólogo - para o cotidiano escolar, Zuin (2008) questiona o papel do Orkut na relação professor-aluno ao especular que as comunidades do Orkut ofereçam ensejo propício a uma catarse regressiva dos alunos decorrente da desilusão vivenciada por eles ao criar um modelo idealizado de seus mestres.

Segundo ele, a relação entre professor e aluno visa a garantir a dinâmica hierárquica das funções de aluno, que é receber aquilo que lhe é passado pelo mestre, ou seja, aprender; e de professor, que é transferir ao alunado seu conhecimento, através do ato de ensinar. Ao afirmar isso, ele corrobora o que se sabe acerca do enfrentamento intergeracional e dos papéis exercidos por cada geração.

Apesar de essas produções servirem como base para nossa pesquisa, é importante frisar que elas deram visibilidade apenas às comunidades criadas por alunos. Por conta disso, os comentários analisados por esses autores foram majoritariamente feitos por estudantes, dando maior enfoque às questões colocadas por eles nos fóruns de conversa, assim como aos desdobramentos de seus discursos nesses espaços. Dessa forma, o que o professor teria, porventura, a dizer deixaria de ser contemplado, uma vez que as comunidades de alunos sinalizavam uma atitude de indiferença em relação à voz dissonante do professor que “ousa” comentar em seus fóruns.

Ao pensar nisso, priorizamos direcionar nossa atenção ao que dizem os professores em comunidades criadas por eles próprios para discutir questões do cotidiano escolar, como forma de dar visibilidade a seus discursos e trazer à tona alguns aspectos importantes da díade professor-aluno anteriormente negligenciados, neste momento, tomando como referência, as palavras do próprio docente.

3. METODOLOGIA

Os *loci* de nossa análise foram os fóruns de conversa das comunidades criadas por professores, que tratam do assunto escolar e da própria relação professor-aluno como pauta de discussão entre seus pares, selecionadas com base nos seguintes critérios: frequência de postagens (mecanismo de criação de tópicos de discussão sobre

assuntos diversos nas comunidades do Orkut) com ênfase na relação professor-aluno e o número de participantes cadastrados. Três páginas foram escolhidas: “Eu odeio aluno chato” (615 membros); “Professores” (35.065 membros) e “EU SOU PROFESSOR !” (20957 membros).

Utilizamos como método a análise do discurso. Para que haja uma interpretação correta dessa prática, segundo Gill (2000), é necessário entendermos que o discurso não ocorre isoladamente, ele está inserido e é orientado pelo contexto interpretativo.

Após o levantamento dessas páginas, foram estabelecidas as seguintes categorias para fins de análise do discurso: Análise do tom do discurso, Responsabilização pelas dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar (causas intra e extra-escolares), Tratamento à voz dissonante e Realização profissional. É preciso ainda enfatizar que, durante o processo, as falas foram analisadas na íntegra, a fim de minimizar possíveis modificações de sentido.

Durante o levantamento de páginas, encontramos alguns obstáculos que dificultaram nossa análise: alguns tópicos, comentários e até mesmo algumas comunidades foram excluídas do Orkut; bem como determinadas comunidades passaram a restringir seu acesso somente aos membros partícipes da comunidade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO GERAL

4.1. Análise do tom do discurso

Assim como nos trabalhos de Bergmann (2007) e Zuin (2008), podemos identificar a predominância do tom sarcástico nos comentários acerca dos desdobramentos da relação professor-aluno. Como exemplo, pode-se evidenciar que na comunidade intitulada “Professores” há noventa e três (93) comentários a respeito de uma proposta sarcástica de criação de uma máquina para controle disciplinar dos alunos:

Aparelho para controle da disciplina em sala. Totalmente legal e testado nos melhores colégios de alguns países. Trata-se de uma rede magnética, que pega os assentos de todas as carteiras da classe. Estas estão identificadas como no jogo "Batalha Naval": A1, F8, G15 etc.... Há um pequeno controle, portátil, que fica com o professor. Este, ao perceber que o(a) aluno(a) da carteira F9, por exemplo, está conversando, aperta o botão a esta correspondente no controle. Imediatamente, uma onda magnética, indolor e imperceptível, atinge o assento da referida carteira e...relaxa totalmente o esfíncter anal do(a) aluno(a) que defecará abundantemente, sendo alvo do escárnio de todos, parando, evidentemente, com a atividade deletéria e indisciplinada!

Nos comentários sobre o referido “aparelho”, cerca de 30 posicionamentos escritos por professores se destacaram pelo tom sarcástico e de deboche, suscitando debates calorosos e polêmicos sobre a conduta dos alunos e dos posicionamentos que o professor deveria ter. Deve-se deixar claro que a predominância do sarcasmo engloba desde os comentários mais extensos e elaborados até os mais curtos que concordavam com as idéias expostas antes no mesmo tom.

Zuin (2008) já destacava em seus estudos que o ódio do aluno pelo professor estava bastante presente nas comunidades de alunos que maldizem professores no Orkut. A presença do sarcasmo no tom do discurso também era um fator marcante nesse caso.

Poucos comentários se estruturam no sentido de colocar um contraponto ao sarcasmo vigente no discurso de alunos e professores. Notamos que há também um tom acusatório quando algo polêmico é proposto. Os alunos seriam indisciplinados, os professores deveriam reagir com rigidez e as palavras sarcásticas não seriam suficientes para mudar a realidade de sala de aula.

Apesar de serem raros, foi possível identificar por volta de dez comentários que fogem à linha do sarcasmo e até propõe algumas reflexões sobre o cotidiano escolar e vão de encontro ao discurso recorrente de que “os alunos são indisciplinados”, “que não têm mais jeito” e que o enrijecimento do controle disciplinar seria a solução para a desordem da sala de aula.

4.2. Recepção da voz dissonante

Foi possível notar que nessas comunidades não há uma boa recepção quanto à fala discordante do outro. Isso quer dizer que se nos tópicos a temática centra-se basicamente em maldizer o aluno, uma opinião contrária não é bem-vinda. Um exemplo de tal fato pode ser explicitado pelos diálogos abaixo:

- Nenhuma criança brinca só para passar o tempo, sua escolha é motivada por processos íntimos, problemas, desejos, ansiedades. O que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas, brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos”.

Bruno Bettelheim

Não prestam atenção porque?

Porque os conteúdos são apresentados de forma pouco interessante ou porque nasceram degenerados?

- (...) Meu bem, esse teu discurso clichê de garota recém-formada (sic) logo logo passa.... A escola só está a merda que está hj (sic) por causa desses modismos que vivem inventando. Sou fruto da escola tradicionalista. leio e escrevo mto (sic) bem, graças a Deus.. ao contrário de mtos (sic) alunos que tenho no Ensino Médio (de escolas públicas e privadas) que são analfabetos de pai e mãe.... QUE SAUDADES DA ESCOLA TRADICIONAL!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Nos comentários que se seguem ao dissonante, percebe-se uma coesão no sentido de desqualificar os discursos que não endossem a idéia que a escola tradicional é a correta e que a exacerbação da disciplina é o melhor caminho. A tentativa de tecer um contra-argumento é recebida como uma iniciativa ingênua.

Há, também, uma referência clara à Pedagogia como algo idealista e distante da sala de aula. Quando se pretende desqualificar o discurso dissonante propositivo ou reflexivo, utiliza-se o argumento de que “isso é papo de pedagogo”.

E quando essa “voz dissonante” se origina da interferência de um aluno em comunidade de professores? Bergman (2007) já relatava em seus estudos que os alunos, em suas comunidades, tratavam com certa hostilidade a voz dissonante nas discussões e, de certa forma, podemos notar que as comunidades de professores investigadas nessa pesquisa, de modo geral, também corroboram com essa prática. Contudo, na amostra analisada, houve uma aluna que entrou em um sítio de professores e escreveu um comentário referente à sua tentativa frustrada de ser amiga de um de seus professores “a gente faz de tudo pelas profs (sic) e elas nem ligam... é mto (sic) triste e elas nem sabem como a gente sofre...”. Mesmo que tal comentário não esteja em sintonia com a proposta da comunidade, ele foi bem aceito pelos professores que teceram comentários posteriores ao da aluna, evidenciando um descompasso em relação às comunidades de

alunos que recebem com indiferença e até hostilidade comentários de professores em seus fóruns.

4.3. Responsabilização pelas dificuldades encontradas no cotidiano escolar: causas intra e extra-escolares

Nas falas que responsabilizam fatores intra-escolares como causa dos problemas da cena escolar, podemos observar a presença dos seguintes fatores: Falta de Punição; Política Pública Insatisfatória; Matérias Difíceis; Falta de Vocação do Professor; Desmotivação do Professor e outras. As causas extra-escolares das dificuldades encerram a Família; Amigos; Naturalização do Mau Aluno; e nas Condições sociais.

Com relação às causas intra-escolares, observamos uma prevalência de comentários que discutiam a responsabilização dos professores pelos problemas escolares, de forma mais específica, pelo “mau aluno”. Contudo, foi-nos possível identificar a existência de alguns comentários que tachavam as políticas públicas como ocasionadoras dos percalços no ensino, especialmente por constatarem que essas são formuladas de modo completamente descontextualizado da realidade da escola pública brasileira e, por isso, são ineficazes. “(...) Nunca estive numa sala de aula da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro” (Comunidade “*Eu odeio aluno chato*”).

Sobre desmotivação e falta de vocação do professor há um movimento ambíguo em alguns momentos como podemos verificar na Comunidade “*Eu odeio aluno chato*”. Ora se atribui ao professor toda a culpa pelos problemas dos alunos, como nos mostra o seguinte desabafo: “**O aluno é chato pq tem prof chato** O aluno sempre acompanha o ritmo (sic) de seu prof. Então se chama seu aluno de chato reveja suas aulas!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!”; ora o exime de toda culpa, colocando a responsabilidade nos próprios alunos e no contexto em que vivem, como vemos no seguinte trecho: “Se às vezes é preciso apelar para o ‘terrorismo pedagógico’ infelizmente eu apelo. Agora dizer que o professor é chato é, no mínimo, dotar nos (sic) de falta de capacidade, inteligência e caráter”.

Quanto às causas extra-escolares, o peso da culpa decai sobre a família, dos próprios alunos e, em alguns momentos, sobre a condição social destes. A primeira, inclusive, é motivo de muito descontentamento entre os professores, porque, eles sentem assumir sozinhos o compromisso de educar os jovens.

É comum que os professores oriundos de escolas públicas culpem o ambiente social de onde os jovens vêm, uma vez que, como afirmam, é difícil educar jovens que possuem como referencial a ser seguido os traficantes e criminosos de sua comunidade. Outros comentários nos mostram, no entanto, que essas rugas do cotidiano escolar também se fazem presentes nas escolas particulares, embora definam a relação familiar como a principal ocasionadora de problemas.

4.5. Realização profissional

A insatisfação profissional dos professores em relação à docência se apresenta de forma muito marcante em suas comunidades do Orkut. Os comentários que evidenciam tal descontentamento falam da revolta resultante da lida com os alunos indisciplinados, da precarização de seu trabalho e da ausência de vocação como responsável pela desmotivação que lhes acomete em sala de aula. Em contraponto a isso, nos deparamos com professores que dizem amar a sua profissão e, mesmo com as dificuldades por eles enfrentadas, sentem-se satisfeitos com seu trabalho. No caso do fórum *Será que sou maluca*, da comunidade *Eu sou Professor* com 36 postagens, nota-

se também o fato paradoxal de que os professores seriam tidos como “malucos” por amarem sua profissão, como se a atitude “normal” e aceitável frente à situação atual da docência fosse representada pela figura do professor insatisfeito e frustrado com seu trabalho. Neste fórum, prevalece o discurso de professores admitindo serem malucos, mas malucos pela profissão:

Será que sou maluca??? Amo o que faço! Adoro ensinar, ‘Aprendo’ muito com meus ‘Alunos’...Ganho pouco....trabalho muito!!! Porém... Sou feliz!” e “Não somos loucos!!! Realmente somos apaixonados por uma profissão pouco valorizada, mas com grande valor para a sociedade. (...)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Curioso notar que o mesmo mecanismo de catarse conferido às comunidades do Orkut de alunos por Bergmann (2007) e Zuin (2008) também se verificou com os professores.

Zuin (2008) afirma que os alunos recorrem ao Orkut em virtude do medo de serem retaliados em sala de aula pelos professores em função de seus comentários. No entanto, cabe questionar se os professores realmente ainda possuem esse poder de repressão das práticas estudantis em sala de aula, pois em seus enunciados, o que transparece muitas vezes é o sentimento de impotência diante de seus alunos, tornando patente o esvaziamento de mecanismos disciplinadores, docilizadores de corpos descritos por Foucault (1977).

Nesse sentido, os professores, assim como no movimento dos alunos no Orkut, transformam essa ferramenta em um espaço de desabafo das angústias enfrentadas na relação professor-aluno. Há uma predominância de sarcasmo, deboche e acusação na maioria dos discursos. Concluímos que o Orkut tem sido apropriado tanto pelos alunos, quanto por seus professores como um espaço de purgação e de um debate inócuo, sem finalidade de problematizar nem transformar aquilo que se discute.

Como transformar os usos da internet em uma nova ágora, superando a supremacia das questões privadas, individuais, redimensionando para uma perspectiva coletiva e, portanto, política, conforme nos fala Baumann? (*apud* FISCHER, 2005). O que o presente estudo de caráter preliminar demonstra, ao se articular às análises de outros pesquisadores, é a necessidade de problematizar o campo de tensionamento da relação de poder entre professor e aluno, agora amplificada e redimensionada pelo Orkut.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGMANN, Leila Mury. “**Não mate aula mate professores**”: o Orkut e a vida escolar. Teias: Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16, jan/dez 2007

CASTRO, Lúcia Rabelo. **Admirável Mundo Novo**: a cadeia das gerações e as transformações do contemporâneo. *In*: COLINAUX, D.; LEITE, L.B.; DELLÁGLIO, D.D. (org). **Psicologia do Desenvolvimento**: reflexões e práticas atuais. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia**: modos de educar na (e pela) TV. Educação e Pesquisa (USP), São Paulo (SP), v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

_____. **Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura.** Cad. CEDES vol.25 no. 65 Campinas Jan./Apr. 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **O Sujeito e o Poder.** In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. 1995.

GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático.** 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GONDIM, Márcio Silva. **Felicidade no Ciberespaço: um estudo com jovens usuários de comunidades virtuais.** Fortaleza: UFC, 2007. 165 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. **Política Educacional no Brasil: a expansão do ensino fundamental e suas conseqüências.** 2000.

RAVAGNANI, M. C. A. N.; CHAKUR, Cilene Ribeiro de Sá Leite. **Fracasso escolar e progressão continuada: representações de professores de ciências.** In: VII Encontro de Pesquisa em Educação no Brasil/ Região Sudeste, 2005, Belo Horizonte. VII Encontro de Pesquisa em Educação no Brasil/ Região Sudeste, 2005.

ZUIN, Antonio Álvaro Soares. **Adoro odiar meu professor: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico.** 1. ed. Campinas: autores associados, 2008. v. 3000.

Links de comunidades utilizados para análise:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=427499&tid=12146828>
(Fórum: Será que sou maluca- Comunidade: Sou Professor)

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=427499&tid=5287680078373215849> (Fórum: Ajuda-amizade com alunos; Comunidade: Sou professor)

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=868679>
(Fórum: Aluno é chato pq tem prof chato- Comunidade: Eu odeio aluno chato)

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=66769&tid=5310549138613807729&start=1> (Fórum: Aparelho para controle da disciplina em sala- Eu sou professor)